

*beth
o'leary*

autora de

APARTAMENTO
partilha-se

a troca



Leena precisa de
abrandar o ritmo
e encontrar-se
a si própria.

Eileen precisa de abrir
horizontes e encontrar
novos desafios.

Está na hora de fazerem...



TOP
SEL
LER

1

LEENA

— **A**cho que devíamos trocar — digo à Bee, esticando-me um pouco, de maneira a conseguir vê-la por cima do monitor do computador. — Estou muito apreensiva. Devias fazer o início e eu faço o final, e assim, quando chegar a minha vez, eu já vou estar menos... sabes? — Gesticulo numa tentativa de transmitir o meu estado mental.

— Vais estar menos mãos de *jazz*? — conclui a Bee, inclinando a cabeça para o lado.

— Vá lá. Por favor!

— Leena, minha querida amiga. Meu farol. Minha chata preferida. És muito melhor do que eu a começar as apresentações e não vamos agora alterar a ordem das coisas... dez minutos antes de falarmos com o nosso cliente mais importante... tal como não alterámos na última reunião, nem na reunião anterior a essa, porque isso seria uma loucura, e, para te ser franca, eu não faço a mais pálida ideia do que está nos *slides* de abertura.

Afundo-me na cadeira.

— Certo. Sim. — Volto a levantar-me. — Só que desta vez estou *mesmo* a sentir-me...

— Hum — faz a Bee, sem desviar a atenção do computador. — Claro. Pior do que nunca. A tremer, as palmas das mãos suadas... o pacote completo. Mas assim que entrares naquela sala, serás encantadora e genial, como sempre acontece, e ninguém vai notar nada.

— Mas, e se...

— Não.

— Bee, acho mesmo que...

— Eu sei que sim.

— Mas desta vez...

— Faltam oito minutos, Leena. Tenta fazer a cena de respirar.

— Qual cena de respirar?

A Bee faz uma pausa.

— Tu sabes... Respirar?

— Ah, queres dizer respiração normal? Pensei que te referias a uma qualquer técnica de meditação.

A minha amiga dá uma pequena gargalhada. E faz outra pausa.

— Já lidaste com coisas muito piores do que esta, Leena — lembra ela.

Estremeço e seguro a caneca do café com ambas as mãos. O medo aloja-se no espaço situado na base das costelas — tão real que chega a ser físico. É uma pedra, um nó, qualquer coisa que daria para cortar com uma faca.

— Eu sei — concordo. — Bem sei que sim.

— Só precisas de recuperar o jeito — esclarece a Bee. — E a única maneira de o fazeres é permanecendo no círculo. OK? Vá lá. Tu és a Leena Cotton, a consultora sénior mais jovem do mercado, a consultora a ter em conta em 2020, segundo a Selmount Consulting. E... — baixa o volume da voz — em breve... um dia... codiretora do nosso próprio negócio. Sim?

Certo. Só que não me *sinto* essa Leena Cotton.

A Bee observa-me com as sobrancelhas juntas em sinal de preocupação. Fecho os olhos e tento afastar o medo, e, por instantes, isso parece resultar: sinto um bruxulear da pessoa que era há um ano e meio, a pessoa que teria feito esta apresentação sem permitir que a afetasse.

— Estão prontas, Bee, Leena? — chama o assistente do diretor executivo, ao mesmo tempo que se encaminha para o andar onde se situam os escritórios da Upgo.

Quando me levanto, tenho a cabeça a andar à roda; sinto-me enjoada. Agarro-me à esquina da secretária. Merda. *Isto é novo.*

— Estás bem? — sussurra a Bee.

Engulo a saliva e pressiono as mãos contra a mesa até me começarem a doer os pulsos. Por instantes, acredito que não vou ser capaz — não tenho o que é preciso, céus, estou tão *cansada* —, mas então, por fim, a garra regressa.

— Muito bem — digo. — Vamos a isto.

Passaram 30 minutos. Não é muito tempo, na verdade. Não chega para assistir a um episódio completo da *Buffy, Caçadora de Vampiros...* nem para assar uma batata das grandes. Mas é possível arruinar a própria carreira em meia hora.

Já temia que isto acontecesse. Há mais de um ano que ando a fazer o meu trabalho meio às apalpadelas; a cometer deslizos, seja por esquecimento ou por distração, o tipo de coisas que eu nunca fazia. É como se, desde a morte da Carla, eu tivesse decidido deixar de ser destra e passasse a ser canhota. Mas tenho-me esforçado tanto e tenho feito progressos, apesar das dificuldades, e pensei mesmo que estava a conseguir.

É óbvio que não.

Acreditei piamente que ia morrer nesta reunião. Já uma vez tinha sofrido um ataque de pânico, nos tempos da universidade, mas não foi tão mau quanto este. Nunca me senti tão descontrolada. Era como se o medo se tivesse libertado: já não era um nó apertado, tinha gavinhas que me apertavam os pulsos e os tornozelos e me subiam até à garganta. O meu coração batia acelerado — cada vez mais depressa — até parecer que não fazia parte do meu corpo. Era como uma pequena ave a esvoaçar violentamente contra a minha caixa torácica.

Enganar-me *num* dos resultados das receitas teria sido perdoável. Mas assim que isso aconteceu, a náusea voltou e enganei-me noutro valor, e depois noutro, e logo em seguida comecei a arfar e o meu cérebro encheu-se de... não era nevoeiro, era mais uma luz brilhante. Demasiado brilhante para ver o que quer que fosse.

Assim, quando a Bee interveio e disse: *Permitam-me que...*

E depois, quando outra pessoa disse: *Ora, isto é risível...*

E quando o diretor executivo da Upgo Finance disse: *Acho que já vimos o suficiente...*

Eu já lá não estava. Encontrava-me dobrada sobre mim própria, a respirar com dificuldade, com a certeza de que a morte estava próxima.

— Está tudo bem — garante a Bee, e as suas mãos apertam as minhas com força. Estamos as duas metidas numa das cabinas telefónicas existentes a um canto dos escritórios da Upgo; a Bee conduziu-me até lá, ainda a hiperventilar e a suar. — Estou contigo. Estás bem.

Cada fôlego é um arquejo rouco.

— Acabei de perder o contrato com a Upgo, não foi? — lá consigo dizer.

— A Rebecca está agora ao telefone com o diretor executivo. De certeza que vai correr tudo bem. Vá lá, respira.

— Leena? — chama alguém. — Leena, sentes-te bem?

Mantenho os olhos fechados. Se ficar assim, talvez aquela não seja a voz da assistente da minha chefe.

— Leena? É a Ceci, a assistente da Rebecca.

Bolas! Como é que ela conseguiu chegar aqui tão depressa? Os escritórios da Upgo ficam pelo menos a vinte minutos de metro da sede da Selmount.

— Oh, Leena, que confusão! — exclama a Ceci. Junta-se a nós na cabina e esfrega-me os ombros em círculos incómodos. — Pobrezinha. É isso mesmo, chora!

Não estou a chorar. Expiro devagar e olho para a Ceci, que enverga um vestido de um qualquer estilista e mostra um sorriso particularmente alegre, recordando a mim própria, pela milionésima vez, a importância de apoiar outras mulheres nos negócios. Acredito piamente nisso. É um código que pauta a minha vida, e é assim que planeio chegar ao topo.

Mas as mulheres não deixam de ser pessoas. E algumas pessoas são horríveis.

— Em que podemos ajudar-te, Ceci? — pergunta a Bee, por entre dentes cerrados.

— A Rebecca pediu-me que viesse ver como estavas — responde ela. — Sabes. Depois do teu... — Agita os dedos. — Do teu *pequeno achaque*. — O seu *iPhone* vibra. — Oh! Ela acabou de enviar um e-mail.

Eu e a Bee esperamos, de ombros tensos. A Ceci é desumanamente lenta a ler o e-mail.

— E? — quer saber a Bee.

— Hum? — diz a Ceci.

— A Rebecca. O que diz? Ela... Perdi o contrato? — indago.

A Ceci inclina a cabeça para o lado, de olhos ainda no telemóvel. Aguardamos. Sinto que a onda de pânico também aguarda, pronta para me arrastar para o fundo.

— A Rebecca já resolveu tudo. Não é maravilhosa? Vão manter a Selmount neste projeto e foram bastante compreensivos — replica, às tantas, a Ceci. E esboça um pequeno sorriso. — Ela quer falar contigo agora, por isso é melhor apressares-te a regressar ao escritório, não achas?

— Onde? — indago. — Ela quer falar comigo onde?

— Hum? Ah, Sala 5 C. Nos Recursos Humanos.

Claro. Em que outro local haveria ela de me despedir?

Eu e a Rebecca estamos sentadas diante uma da outra. A Judy, dos Recursos Humanos, ocupa o lugar ao lado dela. O facto de a Judy estar sentada do outro lado da mesa, e não do meu, não é bom sinal.

A Rebecca desvia o cabelo do rosto e fita-me com uma expressão de solidariedade angustiada, o que só pode ser um péssimo sinal. À minha frente está a rainha do amor difícil, a mestre das rabecadas a meio de uma reunião. Certa vez disse-me que esperar o impossível era o único caminho para obter os melhores resultados.

Resumindo, se está a ser simpática comigo, isso significa que desistiu de mim.

— Leena — começa a Rebecca. — Estás bem?

— Sim, claro, estou ótima — respondo. — Por favor, Rebecca, deixa-me explicar. O que aconteceu na reunião foi... — Calo-me, porque a Rebecca está a agitar a mão e a franzir o semblante.

— Escuta, Leena, eu sei que desempenhas muito bem a tua função, e Deus sabe quanto te adoro por isso. — Olha para a Judy. — Quero dizer, a Selmount valoriza a tua... atitude enérgica e determinada. Mas deixemo-nos de tretas. Estás com péssimo aspeto.

A Judy tossica.

— Ou seja, tememos que estejas um pouco cansada — esclarece a Rebecca, sem perder tempo. — Fomos ver a tua ficha pessoal... e sabes quando foi a última vez que tiraste férias?

— Isso é... uma pergunta com rasteira?

— Sim, é, Leena, porque no ano passado não tiraste *um único dia de férias*. — A Rebecca fulmina a Judy com o olhar. — E, já que estamos a falar do assunto, isso não devia sequer ser possível.

— Eu disse-te — gagueja a Judy. — Não sei como é que ela passou pelas malhas da rede!

Eu sei como passei pelas malhas da rede. Os Recursos Humanos falam muito sobre assegurarem-se de que os funcionários tiram as suas férias anuais, mas tudo o que fazem na verdade é enviar um e-mail duas vezes por ano a informar quantos dias nos restam e a dizer qualquer coisa encorajadora sobre «bem-estar» e «abordagem holística», aconselhando sobre «desligar para maximizar o potencial».

— A sério, Rebecca, estou ótima. Lamento muito que a minha... Lamento ter perturbado a reunião desta manhã, mas, se me deixares...

Vejo mais franzir de testa e agitar de mãos.

— Leena, lamento. Eu sei que estes últimos tempos têm sido terríveis para ti. Este projeto é altamente stressante, e há já algum tempo que eu sinto que não fizemos bem em ter-to atribuído. Eu sei que costume estar a brincar quando digo este tipo de coisa, mas o teu bem-estar preocupa-me verdadeiramente, OK? Assim, falei com os sócios e vamos retirar-te do projeto da Upgo.

Estremeço subitamente. É um tremor ridículo e exagerado; é o meu corpo a recordar-me de que ainda não o tenho sob controlo. Abro a boca para falar, mas a Rebecca antecipa-se.

— E decidimos não te incluir em nenhum projeto durante os próximos dois meses — prossegue. — Encara-o como uma licença sabática. Dois meses de férias. Não podes regressar à sede da Selmount até teres descansado e relaxado, em vez de parecer que passaste um ano numa zona de guerra. Está bem?

— Isso não é necessário — argumento. — Rebecca, por favor. Dá-me uma oportunidade para provar que...

— Mas que merda! Isto é um presente, Leena! — atira a Rebecca, exasperada. — Férias pagas! Dois meses!

— Não preciso. Quero trabalhar.

— *A sério?* Porque a tua cara diz que queres *dormir*. Achas que eu não sei que tens trabalhado até às duas da manhã todos os dias desta semana?

— Desculpa. Eu sei que devia ser capaz de manter um horário de trabalho regular, mas tem havido...

— Não estou a criticar-te pela maneira como geres o teu trabalho, estou a tentar perceber *quando diabo descansas*, mulher.

A Judy volta a pigarrear. A Rebecca lança-lhe um olhar irritado.

— Uma semana — sugiro, em desespero. — Eu tiro uma semana de folga, descanso e, quando regressar...

— Dois. Meses. De. Férias. E não é negociável, Leena. Precisas disto. Não me obrigues a lançar-te os Recursos Humanos para cima para o provar. — Esta ameaça é proferida com uma sacudidela depreciativa da cabeça na direção da Judy. Esta aproxima o queixo do pescoço, como se alguém tivesse batido palmas diante do seu nariz ou lhe tivesse dado uma pancada leve na testa.

Sinto a respiração acelerar. Sim, tenho tido algumas dificuldades, mas não posso tirar dois meses de férias. Não posso. A Selmount leva a reputação muito a sério — depois da reunião com a Upgo, se me afastar durante oito semanas, serei alvo de chacota.

— Nada vai mudar em oito semanas — declara a Rebecca. — Pode ser? Ainda aqui estaremos quando regressares. E continuarás a ser a Leena Cotton, a mais jovem consultora sénior, a funcionária mais

aplicada, a mais esperta. — A Rebecca fita-me atentamente. — Todos precisamos de um intervalo de vez em quando. Até tu.

Saio da reunião a sentir-me nauseada. Pensei que quisessem despedir-me, até tinha todo um discurso preparado sobre um despedimento injusto. Mas... uma licença sabática?

— E então? — quer saber a Bee, aparecendo tão em cima de mim que quase tropeço. — Estava à espreita — explica. — O que foi que a Rebecca disse?

— Disse que eu... tenho de ir de férias.

A Bee pestaneja durante uns instantes.

— Anda, hoje almoçamos mais cedo.

Ao descer a Commercial Street, enquanto nos desviamos de turistas e de homens de negócios, o meu telefone toca. Olho para o ecrã e hesito, e por pouco não esbarro contra um homem que traz o cigarro eletrónico a pender da boca como se fosse um cachimbo.

A Bee olha para o telefone por cima do meu ombro.

— Não tens de atender já. Podes deixar tocar.

Os meus dedos pairam sobre o ícone verde no ecrã. O meu ombro colide com o ombro de um homem de negócios que passa ao meu lado. Ele emite uma expressão de irritação enquanto eu rodopio pelo passeio, e a Bee vê-se obrigada a agarrar-me.

— O que me dirias para fazer se estivesse no teu lugar? — tenta a Bee.

Atendo a chamada. A minha amiga suspira e abre a porta do Watson's Café, o nosso poiso habitual nas raras vezes em que saímos da Selmount para almoçar.

— Olá, mãe — cumprimento.

— Leena, olá!

Estremeço. Toda ela é alegria e falsa descontração, como se tivesse ensaiado o cumprimento antes de ter iniciado a chamada.

— Queria falar contigo sobre hipnoterapia — declara.

A Bee senta-se e eu ocupo o lugar à frente dela.

— O quê?

— Hipnoterapia — repete a minha mãe, desta vez menos confiante. — Já ouviste falar? Há uma pessoa que a faz, em Leeds, e acho que seria bastante bom para nós, Leena. Pensei que talvez pudéssemos ir juntas, da próxima vez que me vieres visitar?

— Não preciso de hipnoterapia, mãe.

— Não é hipnotizar as pessoas como faz o Derren Brown¹, nem nada que se pareça, é...

— Não preciso de hipnoterapia, mãe. — A recusa sai-me mais ríspida do que desejava. No silêncio que se segue, oiço-a a mudar de estratégia. Fecho os olhos, procurando uma vez mais acalmar a respiração. — Podes experimentar à vontade, mas eu estou bem.

— Acho que... talvez... talvez fosse bom fazermos alguma coisa juntas. Não tem necessariamente de ser terapia, mas...

Noto que abandonou o prefixo «hipno». Aliso o cabelo, sentindo a familiar viscosidade da laca sob os dedos, e evito o olhar da Bee do outro lado da mesa.

— Acho que devíamos tentar conversar, nalgum sítio onde... não possam ser ditas coisas nocivas. Apenas diálogo positivo.

Em pano de fundo sinto a influência do último livro de autoajuda que a minha mãe terá lido. Noto a cautelosa utilização da voz passiva, o tom comedido, as expressões *diálogo positivo* e *coisas nocivas*. Mas quando isso me faz titubear, quando me leva a querer dizer: *Sim, mãe, o que te fizer sentir melhor*, penso na escolha que a minha mãe ajudou a Carla a fazer. Como ela permitiu que a minha irmã escolhesse pôr fim aos tratamentos, como a incentivou a... a desistir.

Creio que nem o tipo de hipnoterapia que o Derren Brown faz me podia ajudar a lidar com isso.

— Vou pensar nisso — replico. — Adeus, mãe.

— Adeus, Leena.

A Bee mira-me do outro lado da mesa, dando-me tempo para me recompor.

¹ Autor, mentalista e ilusionista inglês. Apresentou vários programas de hipnotismo na televisão, tornando-se famoso. [N. T.]

— Estás bem? — acaba por perguntar. A Bee é a minha parceira no projeto da Upgo: ajudou-me diariamente desde a morte da Carla. Está tão a par da minha relação com a minha mãe quanto o meu namorado, se não até mais. Só vejo o Ethan aos fins de semana. Os encontros a meio da semana só acontecem se conseguirmos ambos sair do trabalho a tempo, ao passo que eu e a Bee estamos juntas cerca de 16 horas por dia.

Esfrego os olhos com força e fico com as mãos sujas de rímel. Devo meter medo.

— Tinhas razão. Não devia ter atendido. Lidei pessimamente com o assunto.

— A mim pareceu-me que lidaste muito bem — contrapõe a Bee.

— Por favor, vamos falar de outra coisa que não seja a minha família ou o trabalho. Não falemos de nada que seja igualmente desastroso. Fala-me do teu encontro de ontem à noite.

— Se queres ouvir falar de coisas não desastrosas, vais ter de escolher outro assunto — declara a Bee, recostando-se na cadeira.

— Oh, não. Não correu bem? — indago.

Pestanejo para segurar as lágrimas, mas a Bee persiste, fingindo não reparar.

— Não. Foi horrível. Percebi logo que ia ser mau quando ele se inclinou para me dar um beijo na cara e senti o odor a mofo da toalha que usou para limpar o rosto.

Resulta: é repugnante o suficiente para me trazer de volta ao presente.

— Que nojo! — exclamo.

— E também tinha uma remela enorme ao canto do olho. Mais parecia ranho dos olhos.

— Oh, Bee... — Estou a tentar encontrar as palavras certas para lhe dizer que não devia desistir tão depressa das pessoas, mas os meus poderes argumentativos parecem ter-me abandonado e, seja como for, aquela cena da toalha é verdadeiramente asquerosa.

— Estou à beira de desistir e enfrentar a eternidade como mãe solteira — declara a Bee, tentando chamar a atenção do empregado.

— Cheguei à conclusão de que ter estes encontros é pior do que estar sozinha. Ao menos quando estás sozinha não tens ilusões, certo?

— Não há esperança?

— Não há esperança. Fantástico. Sabemos onde estamos: sozinhas, tal como viemos ao mundo, e assim sairemos dele, *blá, blá, blá...* Ao passo que sair com alguém acarreta esperança. Na realidade, sair com uma pessoa não passa de um demorado e doloroso exercício de descoberta de como os outros seres humanos são decepcionantes. De cada vez que começamos a acreditar que encontramos um homem bom e simpático... — diz, mexendo os dedos — lá vêm os problemas com as mãos e os egos frágeis e os estranhos fetiches com queijo.

O empregado olha finalmente na nossa direção.

— O costume? — grita ele da outra ponta do café.

— Sim! Com mel extra nas panquecas dela — grita a Bee de volta, apontando para mim.

— Disseste fetiches com *queijo*? — pergunto.

— Digamos que vi umas fotos que vão fazer com que nunca mais coma *brie*.

— *Brie*? — repito, horrorizada. — Mas, oh, meu Deus, o queijo *brie* é delicioso! Como pode alguém corromper assim o *brie*?

A Bee dá-me uma palmadinha na mão.

— Suspeito que nunca descobrirás, minha amiga. Na verdade, se a minha função é animar-te, devíamos estar a falar da tua vida amorosa perfeita. Por certo que já começou a contagem decrescente para o Ethan fazer o pedido. — Ela repara na minha expressão. — Não? Também não queres falar sobre isso?

— Eu... — Agito a mão. Tenho os olhos novamente a arder. — Uma enorme onda de terror. Oh, céus. Oh, céus, oh, céus.

— Qual das crises da tua vida estás a lamentar? Só para eu saber... — pergunta a Bee.

— O trabalho. — Pressiono os nós dos dedos contra os olhos até doer. — Nem acredito que não me vão dar trabalho durante dois meses. É uma espécie de... pequeno despedimento.

— Na verdade, são dois meses de férias — diz a Bee, e o seu tom de voz faz-me desviar as mãos dos olhos e abri-los.

— Sim, mas...

— Leena, gosto muito de ti, e sei que estás a passar por muita merda, mas, por favor, tenta ver isto como uma coisa boa. Porque vai ser muito difícil continuar a gostar de ti, se tencionas passar as próximas oito semanas a queixar-te por teres dois meses de férias pagas.

— Oh, eu...

— Podias ir a Bali! Ou explorar a floresta amazónica! Ou viajar de barco pelo mundo! — Arqueia as sobrancelhas. — Sabes o que eu daria para ter esse tipo de liberdade?

Engulo em seco.

— Sim. Certo. Desculpa, Bee.

— Tudo bem. Eu sei que isto para ti é mais do que apenas tempo longe do trabalho. Mas pensa também naqueles que têm de passar as suas férias em museus de dinossauros repletos de miúdos, sim?

Inspiro e expiro lentamente, enquanto penso nas palavras dela.

— Obrigada — digo, ao mesmo tempo que o empregado se aproxima da nossa mesa. — Precisava de ouvir isso.

A Bee sorri e depois olha para o prato.

— Sabes — diz, descontraidamente —, podias usar o tempo livre para voltar a pensar no nosso plano empresarial.

Estremeço. Há um par de anos que eu e a Bee andamos a planear abrir a nossa própria empresa de consultoria. Estávamos prontas para avançar quando a Carla adoeceu. Agora as coisas como que... ficaram um pouco paradas.

— Boa! — exclamo, no tom mais alegre de que sou capaz. — Claro.

A Bee levanta uma sobrancelha e eu arqueio as costas.

— Desculpa, Bee. Eu quero fazê-lo, a sério que sim, mas neste momento parece-me... impossível. Como é que vamos lançar a nossa própria empresa quando já tenho dificuldade em manter o meu emprego na Selmount?

A Bee mastiga um pedaço de panqueca e faz um ar pensativo.

— Está bem — replica. — A tua confiança sofreu um rude golpe, compreendo. Posso esperar. Mas ainda que não uses este tempo para trabalhar no nosso plano de negócios, devias utilizá-lo em ti. A minha Leena Cotton não fala em «manter um emprego» como se isso fosse o melhor que consegue fazer, e não usa a palavra «impossível». E eu quero a minha Leena Cotton de volta. Por isso — aponta na minha direção com o garfo —, tens dois meses para a encontrar.

— E como é que vou fazer isso?

A Bee encolhe os ombros.

— «Encontrar-te» não é bem o meu forte. Eu trato da estratégia, tu ficas encarregada do desenvolvimento.

Isso arranca-me uma gargalhada.

— Obrigada, Bee — digo, apertando-lhe a mão. — És a maior. A sério. És fenomenal.

— Hum. Diz isso aos homens solteiros de Londres, minha amiga — responde ela, dando outra palmadinha na minha mão e voltando a pegar no garfo.

2

EILEEN

Há quatro belos meses que o meu marido se pôs a mexer com a nossa professora de dança, e até este momento não senti falta dele uma única vez.

Olho para o frasco sobre o aparador com os olhos semicerrados. Ainda me dói o pulso de ter passado 15 minutos a tentar rodar a tampa, mas não vou desistir. Há muitas mulheres que vivem sozinhas e conseguem abrir os frascos e retirar a comida que lá está dentro.

Fulmino o frasco com o olhar e dou a mim própria uma reprimenda. Sou uma mulher de 79 anos. Dei à luz. Amarrei-me a um buldózer para salvar a floresta. Enfrentei a Betsy por causa das novas regras de estacionamento na Lower Lane.

Sou capaz de abrir este maldito frasco de molho para massas.

O *Dec* fita-me do peitoril enquanto remexo no interior da gaveta dos talheres à procura de qualquer coisa que ajude os meus dedos cada vez mais cansados.

— Achas que eu sou uma velha tonta, não é? — pergunto ao gato.

O *Dec* dá à cauda. É um agitar sardónico. *Todos os humanos são tontos*, diz aquele sacudir de cauda. *Devias seguir o meu exemplo. Tenho quem me abra os frascos.*

— Bem, hoje bem podes agradecer o facto de o teu jantar estar numa saqueta — digo-lhe, abanando a colher do esparguete diante dele. Eu nem sequer gosto de gatos. O Wade é que, no ano passado, teve a ideia de arranjarmos dois gatinhos, mas perdeu o interesse no *Ant* e no *Dec* quando se embeçou pela Miss Cha-Cha-Cha e decidiu que Hamleigh era demasiado pequena para ele e que só

os velhos é que tinham gatos. *Podes ficar com os dois*, disse ele, com ar de grande magnanimidade. *Estão mais de acordo com o teu estilo de vida.*

Filho da mãe presumido. Ele é mais velho do que eu — vai fazer 81 anos em setembro. E quanto ao meu estilo de vida... Bem. Espera para veres, Wade Cotton. Espera só para veres.

— As coisas vão mudar por aqui, *Declan* — aviso o gato. Os meus dedos tocam na faca da manteiga, ao fundo da gaveta. O *Dec* pestaneja, pouco impressionado, e em seguida abre muito os olhos e salta da janela quando me vê elevar a faca com ambas as mãos para apunhalar a tampa do frasco. Solto um pequeno *ah!* quando a perfuro; são necessárias algumas facadas, como um assassino amador numa peça da Agatha Christie, mas desta vez, quando rodo a tampa, esta abre com facilidade. Cantarolo triunfantemente por entre dentes ao mesmo que despejo o conteúdo do frasco para um tacho.

Pronto. Assim que o molho aquece e a massa está cozida, sento-me para jantar e examino a minha lista.

Basil Wallingham

Prós:

- Vive ao fundo da rua — boa distância a pé
- Dentes verdadeiros
- Ainda tem dinamismo suficiente para enxotar os esquilos dos comedouros dos pássaros

Contras:

- Tremendamente maçador
- Só veste roupas de *tweed*
- É bem capaz de ser fascista

Sr. Rogers

Prós:

- Só tem 67 anos
- Bastante cabelo (muito impressionante)
- Dança como o Pasha², do *Strictly* (ainda mais impressionante)
- Educado com toda a gente, até com o Basil (o mais impressionante de tudo)

Contras:

- Demasiado religioso. *Muito* devoto. É capaz de ser uma seca na cama
- Só vem a Hamleigh uma vez por mês
- Não mostra interesse em mais ninguém além de Jesus

Dr. Piotr Nowak

Prós:

- Polaco. Que emocionante!
- Médico. Útil em caso de doença
- Conversas muito interessantes e excecional a jogar *Scrabble*

Contras:

- Demasiado jovem para mim (59)
- Quase de certeza que ainda está apaixonado pela ex-mulher
- Parecido com o Wade (não é culpa dele, mas não deixa de ser desmotivante)

Mastigo lentamente e pego na caneta. Tenho ignorado este pensamento durante todo o dia, mas... devia mesmo fazer uma lista de *todos*

² Pavel «Pasha» Kovalev é um dançarino profissional de danças de salão. Em 2011, fez parte do programa inglês da BBC *Strictly Come Dancing*, no qual celebridades acompanhadas de dançarinos profissionais competem entre si. A versão portuguesa chamava-se *Dança com as Estrelas*. [N. T.]

os cavalheiros disponíveis, e com a idade apropriada. Afinal, também incluí o Basil, não é verdade?

Arnold Macintyre

Prós:

- Vive aqui ao lado
- Idade certa (72)

Contras:

- Um ser humano execrável
- Envenenou o meu coelho (continua por provar, é certo, mas eu sei que foi ele)
- Cortou a minha árvore repleta de ninhos de pássaros
- Suga toda a alegria do mundo
- Deve comer gatinhos ao pequeno-almoço
- É provável que descenda de ogres
- Odeia-me quase tanto como eu o odeio a ele

Passados alguns segundos, risco a frase *É provável que descenda de ogres*, porque não devia envolver os pais dele nisto: podiam ser pessoas perfeitamente simpáticas. Mas vou deixar a parte dos gatinhos.

Pronto. Uma lista completa. Inclino a cabeça para o lado, mas parece tão desanimadora daquele ângulo como vista de frente. Tenho de encarar a verdade: não há muita escolha em Hamleigh-in-Harksdale, com uma população de 168 pessoas. Se quero encontrar o amor nesta fase da minha vida, tenho de o procurar mais longe. Em Tauntingham, por exemplo, onde moram pelo menos 200 pessoas e que fica a apenas 30 minutos de autocarro.

O telefone toca. Chego à sala de estar mesmo a tempo de atender.

— Estou?

— Avó? Fala a Leena.

Sorriso de orelha a orelha.

— Espera, deixa-me sentar.

Acomodo-me na minha poltrona preferida, em tons de verde e com um padrão florido. Este telefonema é a melhor parte do meu dia. Mesmo quando estava amargamente triste, quando só falávamos da morte da Carla — ou de tudo menos disso, porque era demasiado doloroso —, mesmo nessa altura, estes telefonemas da Leena mantiveram-me viva.

— Como estás, querida? — pergunto-lhe.

— Estou bem, e tu?

Semicerro os olhos.

— Não estás nada bem.

— Eu sei, saiu-me, desculpa. É como quando alguém espirra e dizemos «santinho». — Oiço-a engolir a saliva. — Avó, tive um... ataque de pânico no trabalho. Mandaram-me para casa, com uma licença sabática de dois meses.

— Oh, Leena! — Levo a mão ao coração. — Mas não é mau teres algum tempo livre — apresso-me a dizer. — Um pequeno intervalo de tudo pode até fazer-te muito bem.

— Estão a pôr-me de lado. Tenho estado em baixo de forma, avó.

— Bem, é compreensível, se pensarmos...

— Não — contrapõe ela, e a voz embarga-se-lhe —, não é. Céus, eu... eu prometi à Carla, garanti-lhe que não deixaria que a sua morte me prejudicasse, e ela sempre disse... ela disse que ficava orgulhosa, mas agora eu...

Está a chorar. Agarro-me ao casaco de malha com firmeza, tal como fazem o *Ant* e o *Dec* quando estão sentados no meu colo. Mesmo em criança, era raro a Leena chorar. Muito diferente da Carla. Quando a Carla estava transtornada, erguia os braços no ar e transformava-se na imagem perfeita da angústia. Parecia uma atriz melodramática numa peça de teatro — era difícil não provocar uma gargalhada. Mas a Leena limitava-se a franzir a testa e a baixar a cabeça, olhando para nós acusadoramente por entre as pestanas compridas e escuras.

— Então, minha querida. A Carla haveria de querer que fosses de férias — garanto-lhe.

— Eu sei que devia estar a pensar neste período de tempo como férias, mas não sou capaz. É só porque... Detesto ter deitado tudo a perder.
— As palavras soam abafadas, como se estivesse a falar para as mãos.

Tiro os óculos e esfrego a cana do nariz.

— Não *deitaste nada a perder*, querida. Estás stressada, só isso. E que tal vires passar o fim de semana comigo? Tudo parece mais animador com uma caneca de chocolate quente, e assim conversamos como deve ser e tu poderás afastar-te um pouco de tudo, aqui em Hamleigh...

Instala-se um demorado silêncio.

— Há bastante tempo que não me fazes uma visita — digo, a medo.

— Eu sei. Peço imensa desculpa, avó.

— Oh, não faz mal. Vieste quando o Wade se foi embora, fiquei tão grata por isso. Tenho muita sorte por ter uma neta que me telefona com tanta frequência.

— Mas eu sei que falar ao telefone não é a mesma coisa. E não é que eu... Sabes que gostava muito de te ver.

Não refere a mãe. Antes da morte da Carla, a Leena vinha visitar a Marian pelo menos uma vez por mês. Quando terminará esta lamentável contenda entre elas? Sou sempre muito cautelosa em não o mencionar — não quero interferir, não me compete. Mas...

— A tua mãe telefonou-te?

Outro silêncio prolongado.

— Sim.

— A propósito da... — O que tinha ela dito? — Hipoterapia?

— Hipnoterapia.

— Ah, sim.

A Leena não diz nada. É tão dura, a nossa Leena. Como irão as duas alguma vez ultrapassar isto, quando são ambas tão teimosas?

— Certo. Não me vou meter — digo para o silêncio.

— Desculpa, avó. Eu sei que é difícil para ti.

— Não, não te preocupes comigo. Mas prometes pensar no meu convite para vires cá passar o fim de semana? É difícil ajudar-te de tão longe, querida.

Escuto uma fungadela.

— Queres saber uma coisa, avó? Vou, sim. Já planeava fazê-lo e... gostava mesmo muito de te ver.

— Ótimo! — Sorrio. — Vai ser maravilhoso. Faço-te o teu prato preferido para o jantar e ponho-te ao corrente dos mexericos da aldeia. O Roland está a fazer dieta. E a Betsy tentou pintar o cabelo, mas correu mal, e tive de a levar de carro à cabeleireira com um pano de cozinha enrolado na cabeça.

A Leena solta uma gargalhada.

— Obrigada, avó — declara, alguns segundos depois. — Sabes sempre como me fazer sentir melhor.

— É isso que as Eileen fazem — afirmo. — Olham umas pelas outras. — Dizia-lhe o mesmo quando ela era pequena; o nome da Leena também é Eileen. A Marian deu-lhe o meu nome quando todos pensávamos que eu ia morrer depois de uma forte pneumonia na década de 1990; quando percebemos que, afinal, eu não estava às portas da morte, se tornou bastante confuso, e foi assim que a Leena se tornou a Leena.

— Adoro-te, avó — diz ela.

— Eu também te adoro, querida.

Assim que desligo o telefone, dou-me conta de que não lhe falei do meu novo projeto. Estremeço. Tinha prometido a mim própria que lhe contava quando ela ligasse. Não é que me sinta envergonhada por estar à procura de um novo amor. Mas os jovens têm tendência para achar engraçadas as pessoas mais velhas que ainda pensam no amor. Não é por maldade, fazem-no sem pensar. É como quando nos rimos das crianças que se comportam como adultos, ou dos maridos que tentam fazer as compras semanais.

Regresso à sala de jantar e, quando lá chego, dou uma vista de olhos à minha pequena e deprimente lista de homens elegíveis e residentes em Hamleigh. Parece-me tão curta. Tenho a cabeça repleta de pensamentos relacionados com a Carla. Tento pensar noutra coisa — nos casacos de *tweed* do Basil, na ex-mulher do Piotr —, mas de nada me serve. Assim, puxo uma cadeira e permito-me recordar.

Penso na Carla em criança, cheia de caracóis e com os joelhos esfogados, de mão dada com a irmã. Penso nela enquanto jovem, com uma t-shirt deslavada da Greenpeace, demasiado fina, mas a sorrir, cheia de entusiasmo. E depois penso na Carla deitada na sala da Marian. Magra e abatida, a lutar contra o cancro com toda a força que ainda lhe restava.

Não devia pintá-la desta forma, como se ela tivesse um aspeto fraco — era ainda tão a nossa Carla, ainda tão impetuosa. Mesmo na última visita da Leena, poucos dias antes de morrer, a Carla não aceitava despropósitos da irmã mais velha.

Estava deitada na sua cama de hospital, trazida para a sala da Marian por um grupo de funcionários do Serviço Nacional de Saúde, que a montaram com uma assombrosa eficiência e desapareceram mesmo antes de eu conseguir oferecer-lhes um chá. Eu e a Marian estávamos à porta. A Leena encontrava-se sentada ao lado da cama, na poltrona que tínhamos empurrado para lá e que nunca mais tirámos desse lugar. A sala de estar já não estava orientada em torno do televisor, mas em redor da cama, com as suas grades cremes de cada lado do colchão e aquele controlo remoto cinzento, sempre perdido por baixo das cobertas, para ajustar a altura da cama e mudar a Carla quando queria sentar-se.

— És incrível — dizia a Leena à irmã. Tinha os olhos marejados de lágrimas. — Acho que és... que és incrível, e tão corajosa, e...

A Carla esticou o braço, mais depressa do que, por aqueles dias, eu acreditava que ela seria capaz, e espetou o dedo no braço da irmã.

— Deixa-te disso. Nunca dirias essas coisas se eu não estivesse a morrer — declarou. Apesar de a sua voz ser apenas um fio, conseguia perceber-se nela o humor. — Estás muito mais simpática comigo. É estranho. Sinto saudades de me ralhares por andar a desperdiçar a vida.

A Leena estremeceu.

— Eu não...

— Leena, está tudo bem, estou a brincar.

A Leena agitou-se desconfortavelmente na poltrona, e a Carla olhou para o teto, como que a dizer: *Oh, pelo amor de Deus*. Por essa altura, já me tinha habituado à cara dela sem sobrancelhas, mas lembro-me

de como me pareceu estranho ao início, mais estranho, não sei bem porquê, do que a perda dos compridos caracóis castanhos.

— Pronto, pronto. Vou começar a falar a sério — declarou ela.

Olhou para mim e para a Marian, e em seguida pegou na mão da irmã mais velha, os seus dedos demasiado pálidos contra a pele bronzeada da Leena.

— Está melhor assim? Eu faço uma cara séria. — A Carla fechou os olhos, por instantes. — Há algumas coisas que eu gostaria de dizer. Coisas sérias. — Abriu então os olhos, fixando a Leena com atenção. — Lembras-te de quando fomos as duas acampar naquele verão em que regressaste da universidade, quando me disseste que acreditavas que a consultoria administrativa podia mudar o mundo e eu me ri? E depois discutimos sobre o capitalismo?

— Lembro — replicou a Leena.

— Não me devia ter rido. — A Carla engoliu a saliva; a dor perturbou-lhe as feições: uma contração em redor dos olhos, um estremecer dos lábios secos. — Devia ter ouvido e devia ter dito que me sentia orgulhosa de ti. Estás a moldar o mundo, de certa forma. Estás a torná-lo melhor, e o mundo precisa de gente como tu. Quero que corras com todos os velhos enfadonhos e quero que sejas tu a mandar. Lança esse negócio. Ajuda as pessoas. E promete que não deixas que a minha morte te trave.

Por essa altura, a Leena chorava, de ombros descaídos e a tremer. A Carla abanou a cabeça.

— Leena, para com isso, pode ser? Credo, é o que dá armar-me em séria! Tenho de voltar a espetar-te o dedo no braço?

— Não — respondeu a Leena, a rir por entre as lágrimas. — Não, por favor. A verdade é que isso dói.

— Bem, então ficas já a saber que, de cada vez que deixares escapar uma oportunidade, de cada vez que te perguntares se consegues mesmo fazê-lo, de cada vez que pensares em desistir de alguma coisa que desejas... eu estarei a espetar-te o dedo.

E essa era a Carla Cotton.

Era forte, era tonta e sabia que não conseguiríamos viver sem ela.

3

LEENA

A cordo às 6h22, 22 minutos depois da hora a que o meu despertador costuma tocar. O estranho silêncio, a ausência do terrível som do alarme do telemóvel deixa-me em pânico. Demoro algum tempo a constatar que não estou atrasada — não tenho de me levantar e ir para o escritório. Em rigor, não estou sequer *autorizada* a regressar ao escritório.

Afundo-me na almofada enquanto o horror e a vergonha se restabelecem. Dormi pessimamente, com aquela reunião sempre às voltas na minha cabeça. E depois, quando consegui finalmente adormecer, sonhei com a Carla. Sonhei com uma das últimas noites que passei em casa da minha mãe. Meti-me na cama da Carla e abracei-a junto a mim, o seu frágil corpo encaixado no meu, à semelhança do corpo de uma criança. Passado pouco tempo, ela deu-me uma cotovelada e resmungou: *Para de encharcar a minha almofada*. Mas logo em seguida deu-me um beijo na cara e mandou-me fazer chocolate quente, e depois conversámos durante algum tempo, gargalhando na escuridão como se tivéssemos voltado a ser crianças.

Há alguns meses que não sonhava com a Carla. Agora, acordada, a reviver o sonho, sinto tantas saudades da minha irmã que deixo escapar um pequeno e sufocado *Oh, meu Deus*. Lembro-me dos golpes inesperados de dor que me deixaram de rastos naqueles primeiros meses e pergunto-me como é que sobrevivi àqueles tempos.

Isto não é bom. Preciso de me mexer. Vou correr. Sim, isso irá ajudar-me. Visto as *leggings* da Lululemon que o Ethan me ofereceu no meu aniversário e uma t-shirt velha, e saio porta fora. Corro pelas ruas de Shoreditch até os tijolos escuros e a arte urbana darem lugar

aos armazéns restaurados de Clerkenwell, aos bares e aos restaurantes fechados da Upper Street, à folhagem abundante de Islington. Até estar a pingar suor e só conseguir pensar nos centímetros de passeio que o meu campo de visão abarca. O passo seguinte, o passo seguinte, o passo seguinte.

Quando regresso a casa, a Martha está na cozinha, tentando encaixar o seu corpo de grávida num dos ridículos bancos altos *art déco* que escolheu para o apartamento. Tem o cabelo castanho-escuro apanhado em duas tranças; a Martha tem sempre ar de garota, mas com as tranças nem parece ter idade para estar grávida.

Ofereço-lhe um braço para se apoiar enquanto tenta sentar-se, mas ela recusa.

— É um gesto muito bonito — comenta —, mas estás demasiado suada para tocares nas outras pessoas.

Limpo o rosto à t-shirt e encaminho-me para o lava-loiça, a fim de beber um copo de água.

— Precisamos de cadeiras como deve ser — digo-lhe, por cima do ombro.

— Não precisamos nada! Os bancos são *perfeitos* — contrapõe a Martha, serpenteando para trás para conseguir encaixar o traseiro no assento.

Reviro os olhos.

A Martha é uma sofisticada designer de interiores. O trabalho é vistoso, esgotante e irregular; os clientes são horrorosamente esquisitos, passam a vida a telefonar-lhe às horas mais impróprias, para depois sofrerem demorados esgotamentos nervosos por causa de tecidos de cortinas. Mas, por outro lado, ela consegue excelentes descontos em mobiliário de design, e por isso decorou o nosso apartamento com uma variedade de objetos repletos de estilo mas sem a menor utilidade — a jarra em forma de W que está no parapeito, o candeeiro de ferro fundido que pouca luz emite quando se acende — ou não cumprem a função para a qual foram desenhados: os bancos altos nos quais mal nos conseguimos sentar, a mesinha de centro com o tampo convexo.

Ainda assim, essas coisas parecem fazê-la feliz, e eu estou tão pouco tempo no apartamento que não me incomodo. Na verdade, nunca devia ter deixado a Martha convencer-me a arrendar esta casa com ela, mas a ideia de viver numa antiga fábrica era demasiado irresistível quando eu ainda era nova em Londres. Agora, isto não passa de um espaço dispendioso onde posso dormir. Quando a Martha se for embora, terei de falar com o Fitz sobre a necessidade de nos mudarmos para um lugar mais razoável. Tirando a estranha velhota dos gatos que vive no apartamento ao lado, todos os moradores do edifício parecem ter barba de hipster ou uma start-up; Não creio que Shoreditch seja para nós.

— Conseguiu falar com a Yaz ontem à noite? — pergunto, bebendo outro copo de água.

A Yaz é a namorada da Martha, atualmente numa digressão teatral de seis meses pela América. O relacionamento delas causa-me elevados níveis de stress indireto. Tudo parece envolver uma logística incrivelmente complexa. Estão sempre em fusos horários diferentes e a enviar documentos importantes uma à outra e a tomar decisões cruciais através de chamadas pelo *WhatsApp* em lugares com pouca rede. A situação presente é um excelente exemplo do estilo delas: a Yaz irá regressar daqui a oito semanas, tomando posse de uma casa (que ainda tem de ser comprada) e levando para lá a sua namorada grávida antes de o bebé nascer, coisa que acontecerá uns dias depois. Começo novamente a suar só de pensar nisso.

— Sim, a Yaz é uma maravilha — diz a Martha, esfregando a barriga. — A falar a mil à hora sobre Tchekhov e jogos de basebol. Estás a ver, ao estilo Yaz. — O seu sorriso alarga-se ao mesmo tempo que boceja. — Mas está a ficar magrinha. Precisa de uma boa refeição.

Reprimo um sorriso. A Martha pode ainda não ser mãe, mas desde que a conheço que toma conta de toda a gente. Alimentar as pessoas é uma das suas formas preferidas de ataque de benevolência. Também insiste em convidar as suas colegas da aula de pilates para jantar aqui em casa, na esperança de que elas possam fazer do Fitz, o nosso companheiro de apartamento, um homem honesto.

E por falar no Fitz — consulto as horas no meu relógio de treino. Ele já vai no quarto emprego do ano; não devia chegar atrasado.

— O Fitz já se levantou? — pergunto.

Ele aparece nesse mesmo instante, a levantar o colarinho da camisa para pôr a gravata. Como habitualmente, a sua barba parece ter sido cortada com o auxílio de uma régua — vivo com ele há três anos e continuo sem saber como o faz. O Fitz parece sempre tão enganadoramente *equilibrado*. A vida dele é uma constante desordem, mas as meias estão sempre impecavelmente engomadas. (Em sua defesa, as meias *estão* sempre visíveis — ele usa as calças uns centímetros mais curtas — e são mais interessantes do que as meias da maioria das pessoas. Tem um par com o SpongeBob SquarePants, outro que exhibe um quadro do Van Gogh, e o seu par preferido são as «meias políticas», que dizem «O Brexit é uma treta» em redor do tornozelo.)

— Já me levantei. A pergunta que se impõe é: o que fazes tu levantada, veraneante? — indaga o Fitz, terminando de fazer o nó da sua estreita gravata.

— Oh, Leena — diz a Martha. — Desculpa, esqueci-me completamente de que esta manhã não ias trabalhar. — A sua expressão é de solidariedade. — Como te sentes?

— Deprimida — confesso. — E zangada comigo própria por me sentir deprimida, porque quem é que se sente deprimido quando lhe foram dados dois meses de férias pagas? Mas não paro de pensar naquela reunião, e só me apetece enroscar-me na posição fetal.

— A posição fetal não é tão estática como as pessoas pensam — declara a Martha, fazendo uma careta e esfregando a parte lateral da barriga. — Mas, sim, isso é perfeitamente natural, querida. Precisas de descansar. É isso que o corpo está a dizer-te. E tens de te perdoar. Cometeste apenas um pequeno erro.

— A Leena nunca tinha cometido um erro — lembra o Fitz, dirigindo-se para a liquidificadora para fazer um *smoothie*. — Dá-lhe tempo para se habituar à ideia.

Faço cara feia.

— Já cometi erros.

— Oh, por favor, *Miss Perfeita*. Diz lá um erro — pede o Fitz, piscando o olho por cima do ombro.

A Martha nota a minha expressão irritada e estica a mão para me apertar o braço, mas depois recorda-se de que estou suada e opta por uma palmadinha no ombro.

— Tens planos para o fim de semana? — pergunta-me.

— Vou até Hamleigh — respondo, enquanto olho para o telefone. Estou à espera de uma mensagem do Ethan. Ele ontem trabalhou até mais tarde, mas espero que tenha esta noite livre. Preciso de um dos seus abraços, daqueles demorados e envolventes, durante os quais eu encosto o rosto ao pescoço dele.

— A sério? — diz o Fitz, com uma careta. — Vais para norte ver a tua mãe... É isso que te apetece fazer agora?

— Fitz! — ralha a Martha. — Acho uma excelente ideia, Leena. Estar com a tua avó vai fazer-te sentir muito melhor, e não tens de passar tempo com a tua mãe, se ainda não te sentires preparada para isso. O Ethan vai contigo?

— Acho que não. Ele está ocupado com aquele projeto de Swindon. O prazo de entrega é na quinta-feira, e ele tem passado horas infinitas no escritório.

Ao ouvir a minha resposta, o Fitz faz rodopiar os ingredientes na liquidificadora de maneira bastante eloquente. Não precisa de dizer nada: eu sei que ele pensa que eu e o Ethan não damos prioridade suficiente ao nosso relacionamento. É verdade que não nos vemos tanto quanto gostaríamos — até podemos trabalhar para a mesma empresa, mas estamos sempre envolvidos em projetos diferentes. Todavia, é precisamente isso que acho extraordinário no Ethan. Ele percebe como o trabalho é importante. Quando a Carla morreu e eu me debatia para não me afundar, foi o Ethan quem me manteve focada no trabalho, recordando-me aquilo que eu adorava fazer, incentivando-me a avançar para não ir ao fundo.

Mas agora não tenho o trabalho para me dar alento, não nas próximas oito semanas. Dois intermináveis meses escancaram-se à minha

frente, vagos. Quando penso em todas essas horas de inatividade, de sossego e de tempo para pensar, sinto um aperto no estômago. Preciso de um objetivo, de um projeto, de *qualquer coisa*. Se não continuar a nadar, estas águas irão fechar-se sobre a minha cabeça, e esse é um pensamento que me deixa em pânico.

Consulto as horas no telemóvel. O Ethan está mais de uma hora e meia atrasado — deve ter sido apanhado por um dos sócios quando se preparava para sair. Eu passei a tarde a limpar o apartamento e terminei a tempo da sua chegada, mas agora já passaram mais duas horas, durante as quais andei a arrastar mobília e a limpar o pó às pernas das cadeiras e a fazer o tempo de limpeza excessiva que nos concede o direito a uma aparição num documentário do Channel 4.

Quando oiço finalmente a chave dele a rodar na fechadura, sacudo a gigantesca camisola que usei nas limpezas. É uma das t-shirts da *Buffy*: a parte da frente tem a cara dela a fazer uma expressão de durona. (As minhas roupas, as não formais, são quase todas camisolas largueironas, daquelas que os *nerds* gostam de usar. Posso não ter muito tempo para assistir às séries de culto do momento, mas posso continuar a exhibir as minhas lealdades — e, para ser franca, esse é o único tipo de roupa na qual considero que vale a pena gastar dinheiro.)

O Ethan deixa escapar uma exclamação dramática ao entrar na sala, girando nos calcanhares ao reparar na transformação. *Tem* um excelente aspeto. Costumamos manter sempre a casa limpa, mas agora brilha.

— Eu já devia saber que não serias capaz de passar um dia de folga sem te dedicares a algum tipo de atividade frenética — comenta o Ethan, aproximando-se para me beijar. Cheira a água-de-colónia e tem o nariz frio por causa da chuva fresca de março. — A casa está impecável. Podias ir limpar a minha.

Dou-lhe uma palmada no braço e ele deixa escapar uma gargalhada, desviando o cabelo escuro da testa. Inclina-se e beija-me novamente, e eu sinto uma pontada de inveja ao presentir como ele está elétrico por causa do trabalho. Sinto falta dessa sensação.

— Desculpa ter-me atrasado — diz ele, afastando-se a caminho da cozinha. — O Li puxou-me à parte para falarmos dos números da investigação e desenvolvimento tecnológico do projeto Webster, e sabes como ele é. Como é que estás a aguentar-te, meu anjo? — pergunta, por cima do ombro.

O meu estômago dá uma volta. *Como é que estás a aguentar-te, meu anjo?* O Ethan costumava dizer-me isso todas as noites, ao telefone, quando a Carla já mal se aguentava. Dizia-o à soleira da minha porta, sempre que precisava dele, armado com uma garrafa de vinho e um abraço. Disse-o quando avancei para a fila da frente no funeral da Carla, agarrando-lhe a mão com tanta força que devia ter doído. Não teria aguentado sem ele. Não sei como conseguirei alguma vez agradecer-lhe por me ter acompanhado no período mais negro da minha vida.

— Estou... bem — replico.

O Ethan regressa à sala. De meias, parece um pouco desfasado do fato que enverga.

— Acho que isto é uma coisa boa — afirma. — Este tempo de folga.

— Achas? — indago, enquanto me afundo no sofá. Ele senta-se ao meu lado e puxa-me as pernas para cima das suas.

— Completamente. E podes manter-te envolvida. Estás à vontade para dares palpites sobre os meus projetos, e eu posso dizer à Rebecca o quanto me tens ajudado, para que ela saiba que não estás a perder a mão enquanto estás afastada.

Sento-me um pouco mais direita.

— A sério?

— Claro. — Beijame. — Sabes que te protejo sempre.

Mudo de posição, de maneira a conseguir encará-lo. Contemplo a sua boca fina e expressiva, o cabelo escuro e sedoso, o pequeno fio de sardas por cima das maçãs do rosto. Ele é tão atraente, e está aqui, neste momento, quando mais preciso dele. Tenho tanta sorte por ter encontrado este homem.

Ele inclina-se para o lado e alcança a mala do computador, pendurada no braço do sofá.

— Queres ver comigo o conjunto de *slides* para amanhã? Da Webster?

Hesito, mas ele já está a abrir o portátil, colocando-o sobre as pernas, e eu recosto-me a ouvi-lo enquanto fala, dando-me conta de que ele tem razão: isto ajuda. Desta maneira, na companhia do Ethan, a escutar a sua voz suave e baixa a falar de rendimentos e de projeções, quase me sinto eu própria.

4

EILEEN

As coisas atrasam-se um pouco na sexta-feira à tarde: o *Dec* deixou tripas de rato no tapete da entrada. Tenho a certeza de que no mundo dos gatos até se tratou de um gesto simpático, mas foi uma chatice ter de limpar as solas dos meus sapatos preferidos. Chego ao salão comunitário da aldeia mesmo a tempo da reunião da Vigilância de Bairro, e um pouco ofegante.

A Vigilância de Bairro de Hamleigh é uma associação não oficial, mas florescente. O crime é uma coisa que muito preocupa os habitantes de Hamleigh-in-Harksdale, apesar de, nos últimos cinco anos, o único crime de que me recordo ser o roubo do cortador de relva do Basil, que depois se descobriu ter sido emprestado à Betsy, que jurou a pés juntos tê-lo levado com o consentimento do Basil. Acredite-se num ou no outro, a verdade é que não existe nenhuma epidemia de atividade ilegal, e uma reunião semanal de duas horas é quase de certeza um exagero.

Felizmente, agora estou eu à frente da Vigilância de Bairro, com a Betsy como vigilante delegada (todos concordaram que a Betsy não podia ser a vigilante chefe por causa da supracitada história criminal). Tornámos as reuniões muito mais interessantes. Uma vez que não somos *tecnicamente* uma Vigilância de Bairro, mas apenas um grupo de pessoas que gostam de vigiar os vizinhos, não há necessidade de nos mantermos fiéis a regras ou regulamentos. Assim, parámos de fazer de conta que falávamos de crime e concentrámos a nossa atenção nos mexericos, escândalos e queixas sobre aldeias rivais. De seguida, introduzimos bolachas gratuitas, fornecemos almofadas para as cadeiras e criámos um leiteiro a dizer «Exclusivo para Membros», para ser

colocado na porta do centro comunitário quando estamos reunidos, e que teve o efeito de deixar enciumados todos aqueles que não fazem parte da Vigilância de Bairro e ufanos todos os que já são membros.

A Betsy dá início à reunião batendo com o martelinho na mesa de centro. (Só Deus sabe onde é que ela conseguiu o martelo, mas aproveita todas as oportunidades para bater com ele. No outro dia, quando o Basil estava a ser particularmente beligerante no bingo, ela bateu-lhe na testa com o martelo. Foi o suficiente para o calar. No final, o Dr. Piotr chamou a Betsy à parte e explicou-lhe que, uma vez que o Basil havia sofrido recentemente um AVC, talvez não fosse boa ideia bater-lhe na cabeça.)

— Qual é o primeiro ponto? — pergunta a Betsy.

Entrego-lhe a ordem de trabalhos.

20 de março – Reunião da Vigilância de Bairro

1. Boas-vindas
2. Distribuir chá e bolachas
3. Dr. Piotr: estacionar à frente do consultório
4. Roland: continuamos a boicotar a loja da Julie? Proposta de reavaliação — não existem outros lugares decentes onde comprar sanduíches de bacon
5. Betsy: esclarecer se a saia-calça está de novo «na moda»
6. Bolachas, chá
7. Eileen: noite de cinema — proposta para banir todos os filmes com o Jack Nicholson, já não se aguenta, devem existir outros cavalheiros mais velhos que saibam representar
8. Basil: atualização sobre a Guerra aos Esquilos
9. Crimes a reportar?
10. Bolachas, chá
11. Outros assuntos

É o Basil quem prepara as canecas de chá, o que significa que está terrivelmente fraco e metade das canecas ainda têm os pacotes a boiar,

porque ele é demasiado pitosga para reparar nisso. No entanto, a Betsy comprou uma boa variedade de bolachas. Mastigo uma bolacha de manteiga e gengibre enquanto o Piotr fala seriamente a propósito «daqueles que estacionam as suas *scooters* de mobilidade atravessadas em dois lugares de estacionamento» (refere-se ao Roland) e das «consequências para outros doentes» (refere-se ao Basil, que está sempre a queixar-se disso mesmo).

Penso na lista que está na minha mesa da sala de jantar e tento imaginar-me a fazer amor com o Dr. Piotr, o que faz com que um pedaço de bolacha desça pelo canal errado e os presentes na reunião da Vigilância de Bairro entrem momentaneamente em pânico e venham bater-me nas costas. A Betsy prepara-se para executar a manobra de Heimlich quando recupero a voz e a informo de que estou bem. E que, se alguma vez se der o caso de estar mesmo engasgada, prefiro que seja o Piotr a fazer as manobras. Quando o digo, trocamos um olhar bem-disposto por cima da cabeça da Betsy. Com um tremular de esperança, pergunto-me se o olhar pode até ser um pouco namoriscador, embora já tenha passado bastante tempo e eu não saiba bem como avaliar.

Como já esperava, a Betsy fica aborrecida com o meu comentário, mas não demora a distrair-se com a discussão sobre se as saias-calça estão em voga ou não. Esta questão foi levantada porque, na semana passada, a Kathleen disse à Betsy que tinham voltado a estar na moda, e a Betsy comprou seis pares nas tele vendas. (A Kathleen, com apenas 35 anos, baixa consideravelmente a média de idades da Vigilância de Bairro. Com três filhos com menos de 6 anos, está tão desesperada por sair de casa que se inscreveu em todas as atividades da aldeia.) A Betsy foi acometida por uma crise de confiança relativamente à sua nova compra e precisa que se realize uma votação. Esta é a sua maneira preferida de garantir que ninguém a pode julgar por fazer uma coisa: se foi decidido democraticamente, então é culpa de toda a gente.

A Vigilância de Bairro decide que as saias-calça voltaram a estar na moda, embora eu acredite que o Basil tenha votado a favor para não contrariar as mulheres.

Após a segunda dose de bolachas, apresento os meus argumentos relativamente aos filmes com o Jack Nicholson, mas a minha proposta é rejeitada: a Penelope é uma fã fervorosa. Depois, o Basil passa algum tempo a debitar uns disparates sobre os esquilos e quem precisa pode sempre aproveitar esse momento para passar pelas brasas, e em seguida é novamente altura para mais bolachas e chá e para o ponto mais importante da reunião: «Crimes a reportar?» Também conhecido como «Novos Mexericos».

— Eileen, a Betsy contou-me que vendeste o teu carro — diz a Penelope, pestanejando à semelhança de uma coruja. A Penelope tem a constituição de uma pequena ave; tem um ar tão frágil que eu estou sempre com medo de que parta qualquer coisa, mas a verdade é que até é bastante forte. No outro dia, vi-a a disparar uma pistola de água contra um gato que andava a rondar o ninho de um chapim-azul, e a verdade é que lhe acertou em cheio num olho.

— Acho muito sensato da tua parte teres decidido deixar de conduzir, Eileen — elogia a Betsy.

— Mas eu ainda conduzo — declaro, endireitando-me na cadeira. — Resolvi foi partilhar o carro da Marian.

— Oh, *ainda* conduzes? — admira-se a Betsy. — Céus. É muito corajoso da tua parte, depois daquele percalço na Sniddle Road!

A Betsy é uma alma gentil e uma querida amiga, mas também é excelente a dizer coisas menos simpáticas num tom de voz que nos impede de objetar. Quanto ao meu «percalço» na Sniddle Road, não vale a pena sequer mencioná-lo. Admito que não foi a minha melhor tentativa de estacionamento, mas quem iria adivinhar que o jipe daquele homem se amolgava com tanta facilidade? Aquela coisa mais parecia um tanque de guerra.

— Então isso significa que desististe do teu último projeto? — indaga o Basil, sacudindo migalhas de bolacha do bigode. — Não andavas a transportar cães perdidos no teu carro?

— Estava a ajudar os simpáticos donos do abrigo de animais de Daredale — explico, com seriedade. — Mas agora já têm transporte próprio.

— De certeza que em breve arranjarás outra coisa para fazer! — diz o Basil, com um cacarejo.

Semicerro os olhos.

— E já desististe de nos arranjar um patrocínio para o Dia de Maio? — prossegue ele. — Não há nenhuma empresa disposta a associar o seu nome à festa de uma pequena aldeia?

Cerro os dentes. É verdade que tenho tido dificuldade em arranjar um patrocínio para a festa do Dia de Maio. Esperava que pudéssemos usar o dinheiro angariado para auxiliar a instituição de luta contra o cancro que tanto ajudou a Carla, e não para cobrir os custos da festa, como sempre fazemos. Mas por estes dias é difícil arranjar quem queira falar connosco nas grandes empresas de Leeds, e o comércio local está a apertar o cinto e não tem dinheiro para dispensar.

— Que estranho! — O Basil ri-se às gargalhadas.

— Não vou pedir desculpa por querer melhorar o mundo, Basil — afirmo, num tom gélido.

— Tens toda a razão — concorda o Basil. — E é muito corajoso da tua parte insistires, contra todas as probabilidades.

Felizmente, a conversa muda de rumo. A Penelope vira-se para o Piotr com o intuito de discutir o último achaque do Roland, e eu aproveito a oportunidade para trocar umas palavras com a Betsy.

— Voltaste a falar com a tua filha, querida? — pergunto-lhe, em voz baixa. — A propósito das visitas?

A Betsy franze os lábios.

— Tentei — responde ela. — Mas não tive sorte.

O problema é o marido da Betsy. A filha recusa-se a estar na mesma sala que ele. Eu compreendo: o Cliff não é flor que se cheire, e eu não sei como é que a Betsy aguentou todos estes anos. Nem o Wade o suportava. Mas excluir a Betsy da família só vai piorar as coisas. Ainda assim, não me compete interferir. Aperto-lhe a mão.

— Ela há de vir quando estiver preparada — declaro.

— É bom que não demore muito — argumenta a Betsy. — Já tenho 80 anos!

Sorriso. A Betsy tem 85 anos. Nem quando quer mostrar que é velha ela é capaz de não mentir relativamente à sua idade.

— ... os autocarros para Knargill estão reduzidos a um por dia — está o Basil a dizer ao Roland, sentado ao meu lado. — Não posso deixar de pensar que isso seja parte do problema.

As queixas preferidas do Basil são, por esta ordem: esquilos, ligações de transportes, meteorologia e o estado da nação. É melhor não abordar nenhum destes temas na presença dele, mas deve evitar-se referir o último em particular, pois é muito difícil gostar do Basil quando ele começa a falar de imigração.

— E lá estava ela... — está o Basil a contar. — Afogada na sopa de alho-francês e batata! Uma visão macabra, presumo. A pobre da jovem que a encontrou tinha passado lá por casa para perguntar se ela queria instalar vidros duplos e deu com a porta destrancada. E lá estava ela... morta há uma semana e ninguém sabia!

— O que é isso, Basil? — quero saber. — Estás novamente a contar histórias de terror?

— Uma senhora em Knargill — explica o Basil, bebericando o chá. — Afogada no prato da sopa.

— Isso é terrível! — exclama a Betsy.

— E já havia moscas e larvas quando a encontraram? — pergunta a Penelope, muito interessada.

— Penelope! — exclamam todos, em coro, e depois viramo-nos de imediato para o Basil à espera da resposta.

— É provável — replica, com um sábio aceno de cabeça. — É muito provável. A pobre mulher só tinha 79 anos. O marido faleceu no ano passado. Não tinha ninguém que tomasse conta dela. Os vizinhos disseram que ela passava meses sem falar com ninguém, além dos pássaros.

Sinto-me de súbito um pouco estranha, ligeiramente tonta, e, quando vou buscar outra bolacha de gengibre, reparo que a minha mão treme mais do que é habitual.

Presumo que seja por estar a pensar que aquela pobre mulher tinha a mesma idade que eu. Mas é aí que as semelhanças terminam, digo

para com os meus botões. Para começar, nunca teria escolhido sopa de alho-francês com batata — é tão insípida.

Engulo em seco. O incidente da véspera, com o frasco, foi uma desagradável chamada de atenção para como é fácil deixar de se ser capaz. E não ser capaz pode rapidamente tornar-se drástico, quando uma pessoa vive sozinha.

— Devíamos fazer mais pelas pessoas nessas situações — declaro, de repente. — Com todos os horários dos autocarros a serem reduzidos e o Transporte Sénior de Dales com problemas de financiamento, é difícil chegar a algum lado.

Ficam todos bastante surpreendidos. Geralmente, se os habitantes de Knargill são mencionados numa reunião da Vigilância de Bairro, o tópico é seguido por uma gargalhada maliciosa por parte da Betsy, que depois acrescenta «é bem feito para eles, por viverem em Knargill».

— Bem, tens razão, suponho — diz a Penelope lamuriosamente, rompendo o silêncio que se instalou.

— Vamos incluir o assunto na ordem de trabalhos da próxima reunião — declaro, tomando nota.

Instala-se uma pausa.

— Sabes, em Firs Blandon andam a falar de organizar uma festa do Dia de Maio para rivalizar com a nossa — informa o Basil, olhando para mim de maneira astuciosa, como se estivesse a testar a minha lealdade.

— Não andam nada! — contraponho. O Basil devia saber que eu nunca tomaria o partido de Firs Blandon. Há uma década ou duas, quando Hamleigh ficou sem energia elétrica devido a uma grande tempestade, todas as outras aldeias ofereceram dinheiro e quartos para auxiliar todos aqueles que não podiam passar sem os seus aquecedores. Em Firs Blandon não houve uma alma que levantasse um dedo para nos ajudar. — Bem — digo, resolutamente —, a festa do Dia de Maio de Firs Blandon nunca será tão boa como a nossa.

— Claro que não! — concorda a Betsy, e toda a gente relaxa, agora que regressámos a terra firme. — Alguém aceita mais uma bolacha?

O resto da reunião decorre de forma normal, mas a estranha sensação que tomou conta de mim incomoda-me o dia todo. Ainda bem que a Leena chega amanhã. Estou cansada, e é bem mais fácil ser independente quando temos outra pessoa connosco.

Será que uma mudança de ambiente pode mudar uma vida?

Depois de ser traída por uma crise de nervos que arruína uma importante apresentação de trabalho, Leena Cotton decide refugiar-se na casa da avó Eileen, numa zona rural inglesa, para um merecido e já tardio descanso.

Eileen está prestes a fazer 80 anos, mas vive sozinha há pouco tempo, desde o fim do seu casamento. Anseia por uma segunda hipótese no amor, mas cedo se apercebe de que não será na minúscula aldeia em que vive que irá encontrar candidatos à altura.

Decididas a darem uma volta à vida, avó e neta resolvem fazer uma troca durante dois meses. Eileen irá para Londres em busca de novas aventuras. Ficará a viver no apartamento de Leena, onde, com a ajuda dos seus companheiros de casa, aprenderá tudo acerca das novas tecnologias ao serviço dos encontros amorosos, ao mesmo tempo que colocará ao serviço dos vizinhos o seu grande coração e sentido de entreatajuda. Enquanto isso, os assuntos da pequena aldeia em Yorkshire ficarão a cargo de Leena, que irá morar na charmosa casinha de Eileen e terá de lidar com toda a lista de afazeres comunitários da avó, bem como com as recordações dolorosas que aquele regresso às origens lhe irá provocar.

**«Esta deliciosa dose
de boa-disposição
é um verdadeiro tónico.»**

Sunday Mirror

Não perca,
da mesma
autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-198-7



9 789895 641987

Ficção Romântica